

Guerras Culturais: Uma tipificação dos debates nas mídias sociais³⁶

Culture Wars: A typification of social media debates

Guerras culturales: una tipificación de los debates en las redes sociales

Celbi Vagner Melo Pegoraro³⁷

³⁶ Recebido em 26 abr. 2023. Aceito em 26 de jun. 2023.

³⁷ Doutor em Ciências da Comunicação na USP. Membro do grupo de pesquisa Observatório de Histórias em Quadrinhos (OHQ/USP). Lattes ID: <http://lattes.CNPq.br/0593327386599337>. ORCID ID: 0000-0002-4833-1023. E-mail: celbip@gmail.com.

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar, a partir do levantamento seletivo de narrativas sequenciais gráficas, casos debatidos publicamente de produtos culturais envolvendo temas como política, violência e identidade, sejam esses produtos histórias em quadrinhos, tirinhas ou desenhos animados, e verificar como a polêmica da discussão está estruturado no contexto da cultura digital. Exemplos incluem uma obra do cartunista Laerte, um caso envolvendo a revista Turma da Mônica Jovem e os cartoons da revista The New Yorker na época das Olimpíadas do Rio em 2016. A análise baseia-se em pesquisa documental e bibliográfica, tendo como referencial teórico os trabalhos de Manuel Castells (2001) sobre internet, Frédérick Martel sobre as perspectivas e fragmentação da rede, Henry Jenkins (2009 e 2014) sobre cultura e engajamento digital, Paulo Ramos (2010) e Daniele Barbieri (2017) com a tipologia dos quadrinhos, John B. Thompson (2000) que teorizou o escândalo político, e o crítico Robert Hughes (1993) que desenvolveu uma análise da “cultura da reclamação”. Este artigo se propõe a ser útil para futuras pesquisas sobre a relação entre mídias sociais e produção cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Digital; História em Quadrinhos; Guerras Culturais

ABSTRACT

This paper focuses in analyze, based on a selective survey of sequential graphic narratives, publicly debated cases of cultural products involving themes such as politics, violence, and identity, whether these products are comics, strips or cartoons, and to verify how the controversy of discussion is structured in the context of digital culture. Examples include a work by the cartoonist Laerte, a case involving the magazine Turma da Mônica Jovem and the cartoons of The New Yorker magazine at the time of the 2016 Rio Olympics. works by Manuel Castells (2001) on the internet, Frédérick Martel on the perspectives and fragmentation of the network, Henry Jenkins (2009 and 2014) on culture and digital engagement, Paulo Ramos (2010) and Daniele Barbieri (2017) with the typology of comics, John B. Thompson (2000) who theorized the political scandal, and the critic Robert Hughes (1993) who developed an analysis of the “complaint culture”. This article proposes to be useful for future research on the relationship between social media and cultural production.

KEYWORDS: Digital Culture; Comic; culture wars

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar, a partir de un estudio selectivo de narrativas gráficas secuenciales, casos de productos culturales debatidos públicamente que involucran temas como la política, la violencia y la identidad, si estos productos son cómics, tiras cómicas o dibujos animados, y verificar cómo los La controversia de discusión se estructura en el contexto de la cultura digital. Por ejemplo, una obra del caricaturista Laerte, un caso relacionado con la revista Turma da Mônica Jovem y las caricaturas de la revista The New Yorker durante los Juegos Olímpicos de Río 2016. Obras de Manuel Castells (2001) en Internet, Frédérick Martel en perspectivas y fragmentación de la red, Henry Jenkins (2009 y 2014) sobre cultura y compromiso digital, Paulo Ramos (2010) y Daniele Barbieri (2017) con la tipología del cómic, John B. Thompson (2000) que teorizó el escándalo político, y el crítico Robert Hughes (1993), quien desarrolló un análisis de la “cultura de la queja”. Este artículo se propone ser de utilidad para futuras investigaciones sobre la relación entre las redes sociales y la producción cultural.

PALABRAS CLAVE: Cultura Digital; Cómic; guerras culturales

INTRODUÇÃO

A segunda década do século 21 tem visto uma rápida evolução na criação de novas tecnologias e na disseminação de seus novos usos. A cultura digital implica em novas formas de produção, recepção e crítica das informações, e formas de engajamento e ativismo que marcam a era transmídia de nossa época (JENKINS, 2009). Em um primeiro momento temos que destacar que a internet evoluiu para algo muito maior do que se previa basicamente na convergência de mídia. O advento do smartphone, da banda larga e das redes sociais propiciou que novas formas de ver e comentar o mundo fossem observadas. Em um segundo momento, a imprensa tradicional e a mídia corporativa dominante se veem de frente para uma nova realidade com a profunda difusão de informações e uma nova estrutura de consumo não-linear respeitando nos padrões econômicos e de comportamento.

A internet não é por si uma plataforma com acesso equilibrado e igualitário no mundo todo. Ao contrário do que pregava Alan Swingewood (1978, p. 79) de que a tecnologia levaria a uma democratização da cultura de forma geral, as diferenças existentes nos países, seja na economia, tecnologia e níveis de formação cultural, fazem com que a potencialização do engajamento contenha limites.

Manuel Castells (2003, p. 203) indicou brevemente as características dessa divisão digital numa perspectiva global. Estas incluem as diferenças tecnológicas, de conhecimento e econômicas. Mais recentemente, o pesquisador Frédéric Martel (2015) identificou de forma detalhada essas diferenças quando analisou os usos e preferências da internet em locais tão diferentes como EUA, China, Índia e países do Oriente Médio, seja nas iniciativas particulares ou públicas. A questão da territorialidade (não necessariamente geográfica) é colocada em destaque:

No Facebook (...) como na maioria das redes sociais, as conversas não são globais – e nunca serão. A própria expressão “mídias sociais” remete à dimensão social, que, para a maioria das pessoas é uma dimensão de proximidade ou comunidade. Os conteúdos não viajam com facilidade na internet, ao contrário do que se pode pensar. A multidão não existe! No Twitter, no Tumblr, no Path ou no Instagram, redes sociais igualmente americanas, cada usuário personaliza sua conta escolhendo as pessoas que “segue” (limitadas a um círculo mais restrito de menos de cinquenta amigos íntimos, no caso de Path). Em função dessas assinaturas ou das hashtags consultadas – e tudo isso está ligado às línguas faladas, aos centros de interesse e ao país onde se habita – cada qual gera o próprio fio de informação. No fim, todas as conversas são singulares. São mais definidas por suas diferenças do que pela uniformidade, embora a ferramenta seja a mesma para todos – e apesar de ser americana. Ao contrário do que pode pensar espontaneamente, portanto, o digital é essencialmente territorializado. A chave do sucesso na web, inclusive para os gigantes da net, resume numa fórmula famosa: *location, location, location* (a frase, originalmente usada pelos agentes imobiliários americanos, significa que, para vender um apartamento, a

prioridade é a localização). E por sinal os aplicativos Plans, da Apple; e Google Maps, assim como os mapas interativos das linhas de metrô e dos horários de ônibus do mundo inteiro, estão entre os mais baixados nos smartphones. (MARTEL, 2015, p. 418-419).

O chamado *mainstream* (mídia tradicional) é confrontado quando a mídia social abre espaço e legitima movimentos, modismos e personalidades, ampliando a oferta de escolha por parte do público. Esse excesso na oferta prejudica o livre-arbítrio do usuário, como fora preconizado nos anos 1950 por David Riesman (1995) quando afirma que a orientação viria do que os outros pensam de nós, optando quase sempre por reflexos das identidades reconhecidas e legitimadas pela multidão. E isso é potencializado pela efemeridade dos conteúdos digitais, onde até mesmo os debates surgem, explodem e desaparecem em questão de dias.

As redes sociais ampliaram por meio de seus algoritmos o efeito de bolha. Seus usuários se prendem cada vez mais a uma bolha limitada a seus próprios pensamentos e demandas. Daí criou-se a coragem para que grupos cada vez maiores de extremistas ou simplesmente ignorantes passassem a ter voz lida, ouvida e compartilhada. Ficou famosa a frase proferida em 2015 pelo semiólogo italiano Umberto Eco ao receber o título de doutor honoris causa da Universidade de Turim. Para ele, as redes sociais deram voz a uma “legião de imbecis” que antes estava calada e agora está legitimada. O efeito bolha nos ajuda a compreender por que movimentos internacionais massivos ganharam destaque, porém nem todos se mantiveram por muito tempo ou atingiram o almejado – em que pese o ativismo digital ter mostrado sua força, como bem explica Manuel Castells (2015) em sua obra “Redes de Indignação e Esperança – Movimentos sociais na era da internet” ao analisar a Primavera Árabe, os Indignados na Espanha e o movimento *Occupy Wall Street* nos Estados Unidos.

A guerra de palavras e a defesa de posições foi amplificada pelas mídias sociais, porém suas causas são mais antigas. Tomamos como exemplo o trabalho do crítico australiano Robert Hughes (1993) na obra “Cultura da reclamação: o desgaste americano”, onde analisa que a queda nos níveis educacionais num país repleto de sectarismos, terapias e uma crescente mídia televisiva com conteúdo discutível levou a uma debilidade cultural. O pano de fundo de Hughes é o neomoralismo e intervenção cultural dos governos Reagan e Bush (pai) contra o que chama de falsas virtudes do politicamente correto da esquerda acadêmica nos EUA. Podemos atualizar este debate para os dias de hoje em que o multiculturalismo e as lutas de movimentos de gênero e raça ganham espaço, ao mesmo tempo em que é amplificado tipos de conservadorismo que antes estavam adormecidos.

Este artigo é o início de uma análise visando um projeto de pós-doutorado que terá, além dos autores já citados, a pesquisa de John B. Thompson (2000) sobre a teorização do

escândalo político. Com base no tema “guerras culturais” nas mídias sociais temos por objetivos: analisar, a partir de um levantamento seletivo, estudos de casos debatidos publicamente que envolvam quadrinhos, política, violência e identidade; verificar como se estrutura a polêmica; e sistematizar dentro do contexto da cultura digital.

A análise foi feita a partir de pesquisas documental e bibliográfica, usando como arcabouço teórico os autores já citados nesta introdução.

ESTUDOS DE CASO

Analisaremos quatro casos envolvendo charges e uma história em quadrinhos. A charge pode ser definida como “um texto de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário. De certa forma, ela recria o fato de forma ficcional, estabelecendo uma relação intertextual” (RAMOS, 2010, p. 21). Para Roberto Elísio dos Santos (2012, p. 80), “a charge (normalmente uma sátira ou crítica política) é um comentário ilustrado feito com base em um fato recorrente que tenha se tornado notícia publicada em jornais diários e revistas semanais, ou veiculada em telejornais”, tendo efeito de curto prazo por vinculação direta ao fato.

A proposta é descrever cada caso para que possamos sistematizá-lo em relação ao engajamento digital. Podemos dividi-los em quatro tipos. O primeiro é o debate fechado – padrão mais conhecido pelo diálogo existente entre duas ou mais pessoas na imprensa mainstream, com pouca ou nenhuma interferência de discussão externa. O segundo é a apropriação ou adulteração de cartuns – modo pela qual a produção gráfica é modificada para fins de provocação e discussão política.

O terceiro tipo é a discussão atomizada e polarizada – trata-se do padrão mais comum de discussão nas mídias sociais como Facebook, Twitter etc. Um determinado tema mais polêmico viraliza, torna-se alvo de discussão atomizada e finalmente se polariza com opiniões extremas ganhando o protagonismo. Na maioria dos casos não há espaço para o entendimento e o contraditório. Em algumas situações o debate é quebrado ou a polêmica é reduzida com apoio de informações reveladas pela imprensa mainstream.

O quarto e último caso envolve o engajamento pressionando a imprensa. É o inverso do terceiro tipo. Nesta situação, a imprensa mainstream é quem polemiza e os usuários das mídias sociais pressionam para que a publicação revise ou refaça seu conteúdo. Há um componente moral nesta pressão, seja envolvendo o politicamente correto, imprecisões envolvendo mentiras dos personagens envolvidos ou até mesmo a angulação dada pelo autor da reportagem ou do cartum. Este quarto tipo também funciona como uma ferramenta de crítica

em relação a imprensa mainstream, pois as críticas muitas vezes incluem acusações de má apuração ou de má intenção na veiculação. No entanto, em diversos casos o erro parte de falhas ou omissões envolvendo terceiros: mentiras, omissões ou falhas de entrevistados ou do conjunto de personagens ouvidos na reportagem. Nesse ponto temos que levar em consideração a importância do jornalismo bem estruturado e com práxis devidamente adaptada aos tempos contemporâneos³⁸.

DEBATE FECHADO NA IMPRENSA MAINSTREAM

Em 18 de agosto de 2015, o cartunista Laerte teve charge publicada na Folha de S. Paulo. A charge (Figura 1) tem como fato temporal as manifestações favoráveis ao impeachment da presidente Dilma Rousseff. No desenho manifestantes vestidos de amarelo se unem a figuras mascaradas para tirar selfies (fotografias). Laerte relaciona os policiais que faziam a segurança da manifestação e eram alvo da tietação com um crime ocorrido na cidade de Osasco – uma chacina com 17 mortos cujos criminosos são membros da polícia militar e da guarda civil metropolitana³⁹.

Figura 1 – Charge de Laerte relaciona tietação e chacina em Osasco.



Fonte: Folha de S. Paulo

Na página de Opinião no dia seguinte (OPINIÃO DO LEITOR, 2015), leitores criticaram a intenção da charge. Um dos leitores chamou de “execrável, de extremo mau gosto. O cartunista demonstra que já condenou a PM pela chacina, antes mesmo da investigação

³⁸ A práxis jornalística em tempos de Guerras Culturais será objeto de um futuro artigo.

³⁹ Os envolvidos foram condenados em primeira instância em 22 de setembro de 2017.

concluída, e que generalizou, ao sugerir que todo policial militar é criminoso”. Um segundo leitor afirma: “minha repulsa à charge de Laerte, que há muito cruzou a fronteira entre o humor crítico e a mais vulgar militância”. Um terceiro elogia dizendo que “mostra a alienação de grupos que se apresentam nas passeatas como defensores de um Brasil com menos corrupção, focando, para isso, quase exclusivamente o “Fora, Dilma” e o “Fora, PT”.”

Embora a charge tenha sido alvo de críticas nas mídias sociais, o maior embate se deu mesmo via mídia tradicional. Reinaldo Azevedo, então colunista no website da revista *Veja*, publicou uma pesada crítica em 24 de agosto de 2015 intitulada “A campanha de ódio contra os que pedem “Fora Dilma”. O caso do/da cartunista Laerte. Ou: A última da baranga moral!”. Antes mesmo de crítica a charge em si, Azevedo afirma que Laerte Coutinho, como expressão política, é um farsante. E completa “E nem me refiro ao fato dele ter decidido parar de se vestir de homem para ser baranga da vida. Fosse uma sílfide, sua ética não seria melhor. Não é a mulher horrenda que há nele que o faz detestável, mas o que há de estúpido. [...]”⁴⁰.

Azevedo critica a charge “porque atribui a milhões de pessoas que vão às ruas comportamento e escolhas criminosas” e “porque associa a Polícia Militar, como instituição, ao crime”. Estes pontos de crítica são válidos para discussão, porém o autor aproveitou a oportunidade para relacionar, de forma dura, a condição sexual e a posição política do cartunista para criticar o reducionismo da charge.

Em 23 de agosto, Laerte (2015b) se pronunciou na coluna Ombudsman da Folha de S. Paulo (da qual Azevedo também é colunista) afirmando que:

"Não existe imagem genérica de manifestantes ou de policiais. São grupos constituídos por pessoas com grande diversidade de propósitos. Toda redução será, em algum grau, injusta –mas charges não podem deixar de fazê-las, porque trabalham com representações simbólicas." [...]

"Muitos manifestantes tiraram selfies ao lado de PMs e as reproduziram fartamente nas redes sociais, transformando esse gesto num ícone de todas as marchas até agora. Essas pessoas não estavam confraternizando com soldados específicos –estavam demonstrando apoio a uma corporação que vem sendo apontada como uma das mais envolvidas em mortes de pessoas, no país (segundo esta Folha, no primeiro semestre, foram 358 mortes "em confronto")." [...]

"Os recentes assassinatos apontam, segundo as investigações, para ação motivada por vingança, por parte de policiais. O que busquei foi juntar as pontas desses fatos sociais e estimular a reflexão." [...]

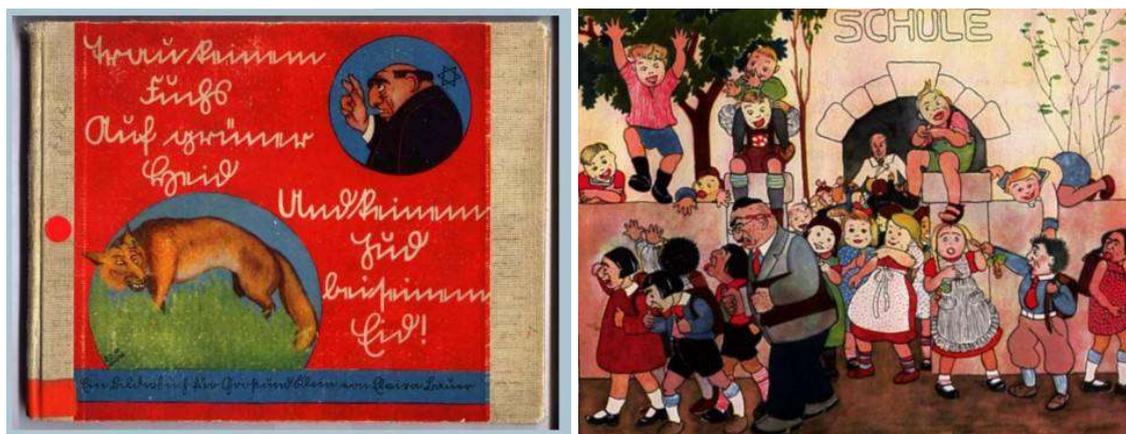
"Reconheço que produzi uma imagem agressiva, mas não a considero ofensiva. Acho que está à altura da gravidade do momento que atravessamos." [...]

"Peço desculpas a quem se sentiu ofendido." (LAERTE COUTINHO, 2015b)

⁴⁰ Reinaldo Azevedo, *Veja* e Jovem Pan foram condenados a pagar indenização por danos morais contra Laerte em dezembro de 2016.

Azevedo considera o pronunciamento “asqueroso” criticando a lógica do cartunista e a multiplicação de textos no colunismo que associam as manifestações dentro da lei a um ato criminoso. E relaciona o reducionismo afirmado por Laerte ao mesmo praticado pelo nazismo em relação aos judeus (Figuras 2 e 3).

Figura 2 e Figura 3 – “Reduções” sobre os judeus que eram publicados pela imprensa alemã durante o nazismo.



Fonte: blog Reinaldo Azevedo na Veja, 24 de agosto de 2015.

Laerte e Reinaldo ainda trocaram farpas irônicas após o cartunista afirmar em post no Facebook que tem a síndrome de Estocolmo Platônica e que teria um “tesão desgraçado” no então colunista da Veja. A polêmica da charge foi alvo de análise da ombudsman da Folha, Vera Guimarães Martins (2015). Ela levantou a questão de que nos meses anteriores o jornal recebera diversas reclamações de leitores apontando um suposto desequilíbrio nos cartuns da página de Opinião (A2), observando que eles majoritariamente tendiam à “esquerda”, o que na época era visto como pró-governo (Dilma Rousseff). A ombudsman não entrou no mérito da discussão ideológica, porém decidiu avaliar a charge por ter provocado tamanha reação, cujo trecho destacamos a seguir:

[...] Não por acaso, logo após a publicação do cartum, começou a circular pelas redes sociais uma versão apócrifa, com as "representações simbólicas" trocadas. Uma inversão facilitada pela leitura rasa: se tirar selfie com PM é apoiar assassinatos, quem defende Dilma e Lula é conivente com a corrupção. Para desqualificar o adversário, vale apelar a ideias simplistas e sofismas que encaixotam na mesma fôrma unidimensional gente de todo tipo. O leitorado mais equilibrado não engole essa dicotomia simplista nem uma diversidade calcada em polos opostos. "A verdade é que alternar opiniões de radicais dos dois lados não atende àqueles que procuram algum bom senso na busca de uma sociedade mais unida e democrática", escreveu Ivan Casella.

Parte dos leitores cobra, com razão, a responsabilidade do jornal, que afinal autorizou a publicação.

A Direção de Redação informa que monitora textos e imagens para detectar situações que possam implicar crimes contra a honra (calúnia, injúria e

difamação). "Nestes casos, procura-se o autor previamente para alertá-lo das consequências possíveis. A charge não incorreu nesse risco, embora tenha conotado um ataque forte e bastante discutível contra parcela significativa da população e do nosso público leitor. Em seu compromisso com o equilíbrio e a pluralidade, a Folha tem procurado veicular as reações, como atestam as edições do Painel do Leitor de quarta (19) e quinta (20)." (MARTINS, 2015)

O que nos interessa é constatar que este debate se concentrou entre Reinaldo Azevedo e Laerte Coutinho, com a opinião dos leitores reverberando no caminho tradicional da crítica via ombudsman do jornal. Trata-se do que podemos chamar de padrão convencional das discussões e repercussões na imprensa mainstream, sem efeitos relevantes de agentes externos, como o engajamento nas mídias sociais.

ADULTERAÇÃO E APROPRIAÇÃO DE CARTOONS

Durante o período de manifestações do impeachment em 2015, o cartunista Ivan Sobral teve uma charge sua, intitulada “Como acabar com um protesto de coxinhas”⁴¹, publicada no Novo Jornal do Rio Grande do Norte em 13 de março de 2016. No desenho (Figura 4), um grupo de manifestantes foge assustado após arremessarem contra ele um livro de História. Poucos dias depois, em 19 de março às 21h55, um auxiliar administrativo fluminense adulterou a charge e a compartilhou no Facebook. Na versão modificada, um grupo de manifestantes de esquerda, trajados de vermelho, é dispersado após arremessarem contra ele uma carteira de trabalho (Figura 5).

⁴¹ Coxinha é um termo jocoso e pejorativo com origem na gíria paulista referente a pessoas que são “bem arrumadas” e “certinhas”. Em anos recentes ganhou a conotação de pessoa que ostenta padrão de vida mais elevado e adota posturas políticas conservadoras. O termo mortadela é o contraponto, dado aos simpatizantes de políticas e personalidades de viés progressista (esquerda política). A origem popular tem origem em militantes que se alimentavam com pão e mortadela em manifestações dos movimentos sociais.

Figura 4 – Charge original de Ivan Sobral publicada no Novo Jornal.

Figura 5 – Charge adulterada compartilhada no Facebook.



Fonte: Material disseminado em redes sociais.

Foi o bastante para que a nova versão se tornasse ainda mais popular que a original, em parte devido ao compartilhamento de personalidades como a jornalista Rachel Sheherazade. Segundo Cabral, a internet é quase um mundo sem lei e muita gente fez esse tipo de coisa. Embora tenha sido um trabalho de humor irônico, o autor foi ameaçado de morte por um usuário do Twitter. “Tudo me parece uma grande bravata, destempero verbal, viabilizado por essa tensão nacional. Acho que esse episódio serve como amostragem da violência feita por um número crescente de pessoas, contra qualquer um que ouse não defender o impeachment”, ponderou Cabral após as ameaças no dia 21 de março.

A tensão “coxinhas” contra “mortadelas”, respectivamente os manifestantes pró e contra o impeachment de Dilma Rousseff, foi potencializada quando a mídia tradicional se aproveitou dos rótulos para analisar o andamento das manifestações. A revista IstoÉ chegou a publicar a charge adulterada de Sobral na edição 2423 de 18 de maio de 2015. Embora o autor da adulteração tenha se retratado, os efeitos dessa adulteração dão um bom exemplo de como a tensão social é potencializada com o compartilhamento desse tipo de material.

Há diversos casos de adulteração ou apropriação. Um dos mais conhecidos, e repercutidos na imprensa, foi a da tira em quadrinhos Armandinho – criação de Alexandre Beck – por uma página no Facebook intitulada “Armandinho morrendo violentamente”. Na página, que rapidamente ganhou 6 mil seguidores em dois dias, eram publicadas paródias da tira em que o menino protagonista sempre morria após sua tirada final (Figura 6). Segundo o criador da página, Tom Magalhães (na época mestrando em Direito pela URFJ), a apropriação era mais ligada ao fator irritante do menino do que propriamente de suas mensagens.

Figura 6 – Versão adulterada de Armandinho se aproveitava dos temas culturais em discussão nas mídias sociais.



Fonte: Material disseminado em redes sociais.

Criada em meio a tensão nacional, a página foi usada na guerra cultural que se travava entre os usuários progressistas e conservadores do Facebook e demais mídias sociais. Em um post, o próprio Magalhães esclareceu que:

Muita gente [está] interpretando essa página como se fosse contra o Armandinho por ele ser “de esquerda” ou “comunista” ou por ser a favor dos direitos humanos, do feminismo, ou o caramba a quatro e, portanto, como uma página “de direita”. A interpretação é livre, e o texto quando cai na rede é peixe, [para] ser interpretado da forma que for interpretado. Mas queria deixar claro que nossa opinião é que essa interpretação é burra, porque o fato de o Armandinho ser irritante não tem nada a ver com uma ou outra posição política estar certa ou errada. Será que interpretar isso aqui como outra pregação, só que de uma ideologia oposta, não é meio babaca? (MAGALHÃES in HQFAN, 2016).

O criador Alexandre Beck conversou com Magalhães por telefone explicando que a paródia o havia incomodado porque expressaria valores opostos aos do original, e usaria o personagem para pregar a violência. Dado a notificação extrajudicial, Magalhães não se sentiu mais à vontade de gerenciar a página da paródia. Isso, no entanto, não impediu que os fãs da versão apropriada criassem suas novas páginas e grupos fechados para produzir e distribuir suas próprias paródias envolvendo o Armandinho, retroalimentando as discussões envolvendo valores progressistas e conservadores.

Um outro caso de apropriação ocorre quando personagens de desenhos animados e das histórias em quadrinhos são utilizadas como ferramentas de crítica política com viés

cômico. No Brasil foi bastante comum comparar políticos como José Serra e o ex-presidente Michel Temer com o personagem Sr. Burns do seriado “Os Simpsons”. A rede BBC reportou que as autoridades chinesas pressionaram por restrições na circulação de imagens e animações do ursinho Winnie the Pooh (McDONNEL, 2017). O personagem seria usado pelo público jovem nas mídias sociais chinesas para ridicularizar o presidente Xi Jinping. As montagens mais conhecidas mostram o presidente chinês caminhando com o ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama (comparado ao Tigrão), e o frio aperto de mãos entre o líder chinês e o primeiro-ministro japonês Shinzo Abe (comparado ao Ió).

O incômodo do governo chinês foi confirmado quando o longa-metragem live-action “Christopher Robin” teve o lançamento não-permitido sob alegação não-oficial de ferir sensibilidades políticas locais, embora o excesso de filmes estrangeiros que solicitam autorização de exibição também possa ter contribuído na decisão (SIEGEL, 2018).

DISCUSSÃO ATOMIZADA E POLARIZADA

Em meio à guerra cultural e a tensão política, temos um caso que envolve uma história em quadrinhos da Turma da Mônica. O alvo da polêmica foi basicamente um único painel da história “Dentuça, Eu?” (Figura 7), publicada na edição nº 94 da revista Turma da Mônica Jovem, lançada em maio de 2016. O quadro, retirado do contexto, foi encaminhado a uma expoente personalidade conservadora brasileira com voz influente nas mídias sociais, o professor Olavo de Carvalho – também conhecido como guru do governo Bolsonaro. Sem ter tido acesso ao conteúdo integral e reverberando as críticas de seus seguidores envolvendo a cultura de gênero, Carvalho fez uma dura crítica acusando a publicação de difundir um “discurso abortista”:

Comunistas, como bons psicopatas que são, sabem imitar perfeitamente os sentimentos bons das pessoas normais, para conquistar sua confiança e depois, quando estão desprevenidas, inocular nelas o veneno, o ódio revolucionário. No aguardo do momento certo de virar o jogo, podem esperar dez, vinte, trinta anos, gerações inteiras. A “Campanha do Betinho”, que começou simulando caridade até transfigurar-se no obscuro “Fome Zero”, foi um exemplo clássico. A transformação da inocente Revistinha da Mônica num odioso discurso abortista é outro”. (CARVALHO, 2016).

Figura 7 – Quadro de história em quadrinhos polarizou seguidores nas mídias sociais.



Fonte: Turma da Mônica Jovem nº 94.

A crítica serviu de estopim para o patrulhamento e ataques pessoais contra a Mauricio de Sousa Produções e a roteirista Petra Leão (e posteriormente também contra o próprio Olavo de Carvalho). Carvalho não desdobrou o tema em diversos posts como costuma fazer em outras ocasiões, mas sua crítica atçou seguidores radicais, incluindo de outras personalidades mais provocativas do campo conservador. Segundo afirmou a roteirista, “comecei a receber mensagens grosseiras pelo Twitter. Até então, eu nem sequer fazia ideia que alguém podia atribuir qualquer outro sentido ao quadrinho, que não fosse a mensagem original: que no corpo de uma pessoa (homem ou mulher), apenas a própria pessoa pode mandar”. A história lidava não com aborto e sim com a pressão dos amigos para que Mônica utilize um aparelho dentário. Mônica lhes responde que não, utilizando a expressão “meu corpo, minhas regras”.

O patrulhamento, neste caso, foi direcionado a uma suposta agenda feminista. A própria roteirista afirma que diversas vezes as histórias abordam temas tidos como feministas, pois Mônica como protagonista enfrenta uma realidade que faz parte da vivência de qualquer mulher, e que todos merecem ter direitos iguais. Instada a se pronunciar, a Mauricio de Sousa Produções afirmou:

Na revista Turma da Mônica Jovem nº 94, os melhores amigos da Mônica ficam opinando se ela deve ou não usar um aparelho dentário, por uma questão estética. No entanto... essa é uma decisão que cabe única e exclusivamente à Mônica. E a sua turma entende, aceita e respeita isso. Porque gosta dela do jeito que ela é. Há mais de 50 anos, as histórias em quadrinhos da Mauricio de Sousa Produções são feitas para divertir e entreter, mas também para levantar discussões saudáveis, sempre com muito respeito a todos.

Uma característica interessante deste caso é que não houve embate direto entre Olavo de Carvalho, a roteirista Petra Leão e a Mauricio de Sousa Produções. Embora os dois últimos tenham se pronunciado para esclarecer a questão, o debate nas mídias sociais se deu entre seus seguidores – progressistas ou conservadores – jogando a história em quadrinhos no turbilhão da batalha virtual sobre agendas consideradas progressistas (feminismo, igualdade racial e de gênero etc.).

2.4. O ENGAJAMENTO PRESSIONA A IMPRENSA

O quarto caso envolve o nadador olímpico Ryan Lochte e uma charge publicada na revista The New Yorker. Os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro começaram em 5 de agosto de 2016 e, cabe lembrar, foram foco de uma cobertura bastante crítica da imprensa internacional – apontando atrasos, estouro de orçamento, acusações de corrupção e problemas nas obras da Vila Olímpica e das instalações esportivas. Após uma cerimônia de abertura simples, porém bem recebida e elogiada, a imprensa alterou o tom e passou a dar confiança na organização dos Jogos.

No dia 14 de agosto, Lochte e mais três companheiros do time de natação americana, foram se divertir num clube noturno e, na volta, teriam sido vítimas de um assalto a mão armada. O caso ganhou rapidamente repercussão internacional e resultou num levante de críticas contra a escolha do Rio de Janeiro para sediar a competição. Embora o nadador tenha mantido a história, a imprensa descobriu que havia lacunas na narrativa e o caso rapidamente se mostrou uma farsa envolvendo depredação e discussão com seguranças somado a dificuldade de comunicação. A revista The New Yorker foi uma das vítimas da história, tendo publicado em 15 de agosto uma charge de Benjamin Schwartz (2016) mostrando os nadadores identificando o assaltante portando medalhas no pescoço (Figura 8).

Figura 8 e Figura 9 – Charges sobre o caso Ryan Lochte no Rio publicadas respectivamente em 15 e 19 de agosto de 2016



Fonte: The New Yorker, 2016.

Embora a reação inicial nas mídias sociais tenha sido bastante negativa para o Rio de Janeiro e para os Jogos, a reviravolta no caso mostrou o potencial de pressão de seus usuários. No início houve críticas e a usual polarização, porém as novas informações resultaram numa

virtual união dos usuários que cobraram nas mídias sociais para que a imprensa tratasse o caso de outra forma. A *The New Yorker* foi uma das pressionadas (JUDSON, 2016) e o resultado foi a publicação quatro dias depois de uma nova versão da charge (Figura 9) corrigindo a anterior, mostrando um guarda dizendo “eu acho que você caras estão do lado errado do vidro” (THE NEW YORKER, 2016).

CONCLUSÕES

O intuito neste artigo foi estudar casos de debates envolvendo engajamento nas mídias sociais. Tendo levantado os quatro casos cabe retomá-los brevemente para fins de sistematização. Trata-se de quatro exemplos diferentes de debates e reações. O primeiro, um debate fechado entre Reinaldo Azevedo e Laerte, basicamente se restringiu aos dois com acompanhamento de seus seguidores e comentários da ombudsman do jornal. O segundo caso nos mostrou exemplos de adulteração e apropriação de charges por usuários do Facebook, com a gravidade da questão do desrespeito aos direitos autorais. O terceiro caso envolvendo Turma da Mônica Jovem pode ser resumindo como sendo uma discussão atomizada, com pontos de partida bem definidos e posterior discussão sendo polarizada em dois grandes grupos que defendiam e atacavam de acordo com o seu viés ideológico. E o quarto caso, envolvendo o nadador americano, mostra um exemplo de debate quando polos distintos se unem nas mídias sociais para cobrar uma posição de retificação por parte da imprensa.

Com a exceção do primeiro caso, destaca-se o papel secundário da imprensa tradicional mainstream ao repercutir na velocidade adequada a elucidação dos casos. No quarto caso, alguns veículos fizeram autocrítica de seus processos de apuração baseados de forma excessiva no jornalismo declaratório. Do ponto de vista das mídias sociais ressalte-se que as quatro discussões envolvem engajamento de temas envolvendo minorias, movimentos e manifestações sociais ou da relação entre países ricos e pobres – o que nos parece reafirmar o teor relacionado às chamadas “guerras culturais” polarizadas entre os campos progressistas e conservadores em seus diversos matizes. No fim observamos a disputa entre a cultura do consumo contra a cultura da autenticidade – relacionada aos “nichos” de identidade. Este trabalho será aprofundado futuramente, porém podemos concluir citando que “as culturas da autenticidade e da reclamação são, em seus movimentos de superfície, culturas de afirmação, culturas ativas, o que as diferenciaria da cultura do consumismo e do narcisismo. Na realidade, podem terminar como versões destas ao estimularem a dependência em relação a um molde preparado (COELHO, 2005, p, 179).

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Olavo de. **Post sobre a Turma da Mônica Jovem**. Publicado em 28 de junho de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/photos/a.275188992633182.1073741828.275181425967272/657883627697048/?type=3&permPage=1>. Acesso em: 18 de março de 2017.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da internet**. Zahar: Rio de Janeiro, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2013.
- COELHO, Teixeira. **Moderno pós-moderno: modos & versões**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2005.
- COUTINHO, Laerte. **Charge. Opinião**. Folha de S. Paulo, São Paulo. Publicado em 18 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/229925-charge.shtml>. Acesso em: 20 de maio de 2017.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JUDSON, Margaret. **This ‘New Yorker’ Corrects its Ryan Lochte Cartoon & Alters the Victim of the Crime**. Publicado em 19 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.bustle.com/articles/179579-this-new-yorker-corrects-its-ryan-lochte-cartoon-alters-the-victim-of-the-crime>. Acesso em: 15 de março de 2017.
- HQFAN. **A breve vida da página “Armandinho morrendo violentamente”**. Disponível em: <http://www.hqfan.com.br/2015/06/a-breve-vida-da-pagina-armandinho.html>. Acesso em: 14 de junho de 2017.
- HUGHES, Robert. **Cultura da Reclamação – o desgaste americano**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- HUGHES, Robert. **LAERTEVISÃO. Ombudsman in Folha de S. Paulo**: São Paulo, 23 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsman/230505-laertevisao.shtml>. Acesso em: 22 de maio de 2017.
- MARTEL, Frédéric. **Smart – o que você não sabe sobre a internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- MARTINS, Vera Magalhães. **A vida em preto e branco**. Folha de S. Paulo: São Paulo, 23 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsman/230506-a-vida-em-preto-e-branco.shtml>. Acesso em: 15 de maio de 2018.
- McDONNELL, Stephen. **Why China censors banned Winnie the Pooh**. BBC News. Publicado em 17 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/blogs-china-blog-40627855>. Acesso em 11 de março de 2019.
- OPINIÃO DO LEITOR**. Folha de S. Paulo: São Paulo, Publicado em 19 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/229999-painel-do-leitor.shtml>. Acessado em 20 de maio de 2017.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. Editora Contexto: São Paulo, 2009.
- RIESMAN, David. **A multidão solitária**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SANTOS, Roberto e ROSSETI, Regina. **Humor e Riso na Cultura Midiática**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SIEGEL, Tatiana. **Disney's 'Christopher Robin' Won't get China release amid Pooh**. The Hollywood Reporter, Publicado em 03 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/heat-vision/christopher-robin-refused-china-release-winnie-pooh-crackdown-1131907>. Acesso em: 10 de dezembro de 2018.

SCHWARTZ, Benjamin. Daily Cartoon: Monday, August 15 (cartoon original sobre o caso Ryan Lochte). Publicado em 15 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.newyorker.com/cartoons/daily-cartoon/monday-august-15th-swimmer-robbery?fbclid=IwAR1c6WEZrvPqqK0oa4zyUXUo9OJbU8Ia7lzo6sghNY4Xf-KIltV19fsWe4>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

SCHWARTZ, Benjamin. **Daily Cartoon: Friday**, August, 19 (cartoon revisado do caso Ryan Lochte). Publicado em 19 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.newyorker.com/cartoons/daily-cartoon/friday-august-19th-swimming-correction>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

SWINGEWOOD, Alan. **O mito da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Ed. Interciência, 1978.

THOMPSON, John B. **O Escândalo Político – Poder e visibilidade na era da mídia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

THE NEW YORKER. **Charge atualizada do caso Ryan Lochte**. Publicado em 19 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/newyorker/photos/a.430906773868/10153953486318869/?type=3&theater> . Acesso em: 17 de novembro de 2018.

TURMA DA MÔNICA JOVEM. Nº 94 – Barueri: Ed. Panini, maio de 2016.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA

Culture Wars: A typification of social media debates⁴²

*Celbi Vagner Melo Pegoraro*⁴³

INTRODUCTION

The second decade of the 21st century has seen rapid evolution in the creation of new technologies and the spread of their new uses. Digital culture implies new forms of production, reception and criticism of information, and forms of engagement and activism that mark the transmedia era of our time (JENKINS, 2009). At first, we must point out that the internet has evolved into something much bigger than what was basically predicted in terms of media convergence. The advent of the smartphone, broadband and social networks allowed new ways of seeing and commenting on the world to be observed. In a second moment, the traditional press and the dominant corporate media find themselves facing a new reality with the profound dissemination of information and a new non-linear consumption structure respecting economic and behavioral patterns.

The internet is not in itself a platform with balanced and equal access throughout the world. Contrary to what Alan Swingewood (1978, p. 79) preached that technology would lead to a democratization of culture in general, the existing differences in countries, be it in the economy, technology and levels of cultural formation, make the potentialization of engagement contains limits.

Manuel Castells (2003, p. 203) briefly indicated the characteristics of this digital divide in a global perspective. These include technological, knowledge and economic differences. More recently, researcher Frédéric Martel (2015) identified these differences in detail when he analyzed the uses and preferences of the internet in places as different as the USA, China, India and Middle Eastern countries, whether in private or public initiatives. The issue of territoriality (not necessarily geographic) is highlighted:

On Facebook (...) as on most social networks, conversations are not global – and never will be. The very expression “social media” refers to the social

⁴² Received on abr. 26, 2023. Accepted on jun. 26 2023.

⁴³ PhD in Communication Sciences at USP. Member of the research group Observatory of Comics (OHQ/USP). Lattes ID: <http://lattes.CNPq.br/0593327386599337>. ORCID ID: 0000-0002-4833-1023. Email: celbip@gmail.com.

dimension, which, for most people, is a dimension of proximity or community. Content does not travel easily on the internet, contrary to what one might think. The crowd does not exist! On Twitter, Tumblr, Path or Instagram, equally American social networks, each user personalizes his account by choosing the people he “follows” (limited to a more restricted circle of less than fifty close friends, in the case of Path). Depending on the signatures or hashtags consulted – and all of this is linked to the languages spoken, the centers of interest and the country where one lives – each one generates its own thread of information. In the end, all conversations are unique. They are more defined by their differences than uniformity, even though the tool is the same for everyone – and despite being American. Contrary to what you might think spontaneously, therefore, the digital is essentially territorialized. The key to success on the web, even for the internet giants, is summarized in a famous formula: *location, location, location* (the phrase, originally used by American real estate agents, means that, when selling an apartment, the priority is the location). And by the way, Apple's Plans apps; and Google Maps, as well as interactive maps of subway lines and bus schedules around the world, are among the most downloaded on smartphones. (MARTEL, 2015, p. 418-419).

The so-called *mainstream* (traditional media) is confronted when social media opens space and legitimizes movements, fads, and personalities, expanding the offer of choice by the public. This excess supply harms the user's free will, as advocated in the 1950s by David Riesman (1995) when he states that guidance would come from what others think of us, opting almost always for reflections of identities recognized and legitimized by the crowd. And this is enhanced by the ephemerality of digital content, where even debates arise, explode, and disappear in a matter of days.

Social networks have amplified the bubble effect through their algorithms. Its users are increasingly trapped in a bubble limited to their own thoughts and demands. From there, the courage was created so that ever larger groups of extremists or simply ignorant people began to have their voices read, heard, and shared. The sentence uttered in 2015 by the Italian semiologist Umberto Eco became famous when he received the title of doctor honoris causa from the University of Turin. For him, social networks gave voice to a “legion of imbeciles” that was previously silent and is now legitimized. The bubble effect helps us understand why massive international movements gained prominence, but not all of them remained for a long time or achieved the desired goal – despite digital activism having shown its strength, as Manuel Castells (2015) explains in his work “ Networks of Indignation and Hope – Social Movements in the Internet Age” by analyzing the Arab Spring, the Indignados in Spain and the *Occupy Wall Street* movement in the United States.

The war of words and the defense of positions has been amplified by social media, but its causes go back further. We take as an example the work of the Australian critic Robert

Hughes (1993) in the work “Culture of complaint: the American wear”, where he analyzes that the drop in educational levels in a country full of sectarianism, therapies and a growing television media with debatable content led to a cultural weakness. Hughes' background is the neomoralism and cultural intervention of the Reagan and Bush (senior) governments against what he calls the false virtues of political correctness of the academic left in the US. We can update this debate for today, when multiculturalism and the struggles of gender and race movements are gaining ground, while types of conservatism that were previously dormant are amplified.

This article is the beginning of an analysis aimed at a postdoctoral project that will include, in addition to the authors already mentioned, John B. Thompson's (2000) research on the theorization of political scandal. Based on the theme “culture wars” in social media, our objectives are to analyze, based on a selective survey, publicly debated case studies involving comics, politics, violence, and identity; verify how the controversy is structured; and systematize within the context of digital culture.

The analysis was based on documentary and bibliographical research, using the authors already mentioned in this introduction as a theoretical framework.

CASE STUDIES

We will analyze four cases involving cartoons and a comic book. The charge can be defined as “a humorous text that addresses some fact or topic related to the news. In a way, it recreates the fact in a fictional way, establishing an intertextual relationship” (RAMOS, 2010, p. 21). For Roberto Elísio dos Santos (2012, p. 80), “a cartoon (usually satire or political criticism) is an illustrated comment made based on a recurring fact that has become news published in daily newspapers and weekly magazines, or broadcast on television news”, having a short-term effect due to direct connection to the fact.

The proposal is to describe each case so that we can systematize it in relation to digital engagement. We can divide them into four types. The first is the closed debate – a pattern best known for the dialogue existing between two or more people in the mainstream press, with little or no interference from outside discussion. The second is the appropriation or adulteration of cartoons – the way in which graphic production is modified for the purposes of provocation and political discussion.

The third type is atomized and polarized discussion – this is the most common pattern of discussion on social media such as Facebook, Twitter, etc. A certain more

controversial topic goes viral, becomes the target of atomized discussion, and finally polarizes with extreme opinions gaining prominence. In most cases there is no room for understanding and contradiction. In some situations, the debate is broken, or the controversy is reduced with the support of information revealed by the mainstream press.

The fourth and final case involves engagement by pressuring the press. It is the reverse of the third type. In this situation, the mainstream press is the one who polemicizes, and social media users put pressure on the publication to revise or rework its content. There is a moral component to this pressure, whether involving political correctness, inaccuracies involving lies by the characters involved or even the angle given by the author of the report or cartoon. This fourth type also works as a critical tool in relation to the mainstream press, as criticism often includes accusations of poor reporting or bad intentions in publication. However, in several cases, the error stems from failures or omissions involving third parties: lies, omissions or failures of respondents or the set of characters heard in the report. At this point, we have to take into account the importance of well-structured journalism with praxis duly adapted to contemporary times ⁴⁴.

CLOSED DEBATE IN THE MAINSTREAM PRESS

On August 18, 2015, the cartoonist Laerte had a cartoon published in Folha de S. Paulo. The cartoon (Figure 1) has as a temporal fact the manifestations favorable to the impeachment of President Dilma Rousseff. In the drawing, protesters dressed in yellow join masked figures to take selfies (photographs). Laerte related the police officers who provided security for the demonstration and were the target of a crime that took place in the city of Osasco – a massacre with 17 dead whose criminals are members of the military police and the metropolitan civil guard ⁴⁵.

⁴⁴Journalistic praxis in times of Culture Wars will be the subject of a future article.

⁴⁵Those involved were convicted in the first instance on September 22, 2017.

Figure 1 – Cartoon by Laerte relates bullying and slaughter in Osasco⁴⁶



Source: Folha de S. Paulo

On the Opinião page the following day (OPINIÃO DO LEITOR, 2015), readers criticized the intention of the cartoon. One of the readers called it “execrable, in extremely bad taste. The cartoonist demonstrates that he already condemned the PM for the massacre, even before the investigation was completed, and that he generalized by suggesting that every military police officer is a criminal”. A second reader states: “my disgust at Laerte's cartoon, which long ago crossed the border between critical humor and the most vulgar militancy”. A third praises saying that “it shows the alienation of groups that present themselves in the marches as defenders of a Brazil with less corruption, focusing, for this, almost exclusively on “Fora, Dilma” and “Fora, PT”⁴⁷.

Although the cartoon has been the target of criticism on social media, the biggest clash has been through traditional media. Reinaldo Azevedo, then a columnist on the website of *Veja* magazine, published a heavy criticism on August 24, 2015, entitled “The hate campaign against those who call for “Fora Dilma”. The case of the cartoonist Laerte. Or: The last of the moral baranga!”. Even before criticizing the cartoon itself, Azevedo claims that Laerte Coutinho, as a political expression, is a fake. And he adds, “And I'm not even referring to the fact that he decided to stop dressing like a man to be a part of life. Were you a sylph, your ethics

⁴⁶ The yellow T-shirts have the slogan "Fora Dilma" (get out, Dilma), supporting the impeachment against the legitimately sworn-in president in Brazil, which took place on August 31, 2016. Editor's note.

⁴⁷ The slogans "get out Dilma" (Fora Dilma), and "get out PT" (Fora PT) refer to the party's extreme right-wing debate against Brazilian President Dilma Rousseff and the Workers' Party. Editor's note.

would be no better. It is not the hideous woman in him that makes him hateful, but the stupidity. (...)”⁴⁸.

Azevedo criticizes the cartoon “because it attributes criminal behavior and choices to millions of people who take to the streets” and “because it associates the Military Police, as an institution, with crime”. These points of criticism are valid for discussion, but the author took the opportunity to relate, in a harsh way, the sexual condition and the political position of the cartoonist to criticize the cartoon's reductionism.

On August 23, Laerte (2015b) spoke in the Ombudsman column of *Folha de S. Paulo* (of which Azevedo is also a columnist) stating that:

"There are no generic image of demonstrators or police. They are groups made up of people with a wide range of purposes. Any reduction will be, to some degree, unfair – but cartoons cannot fail to do so, because they work with symbolic representations." [...]

“Many protesters took selfies alongside PMs and reproduced them abundantly on social networks, making this gesture an icon of all marches so far. These people were not fraternizing with specific soldiers - they were showing support for a corporation that has been identified as a of the most involved in the deaths of people in the country (according to this *Folha*, in the first semester, there were 358 deaths "in confrontation")." [...]

"Recent murders point, according to investigations, to action motivated by revenge on the part of police officers. What I sought was to put together the points of these social facts and encourage reflection. [...]

“I recognize that I produced an aggressive image, but I don't find it offensive. I think it lives up to the gravity of the moment we are going through.” [...]

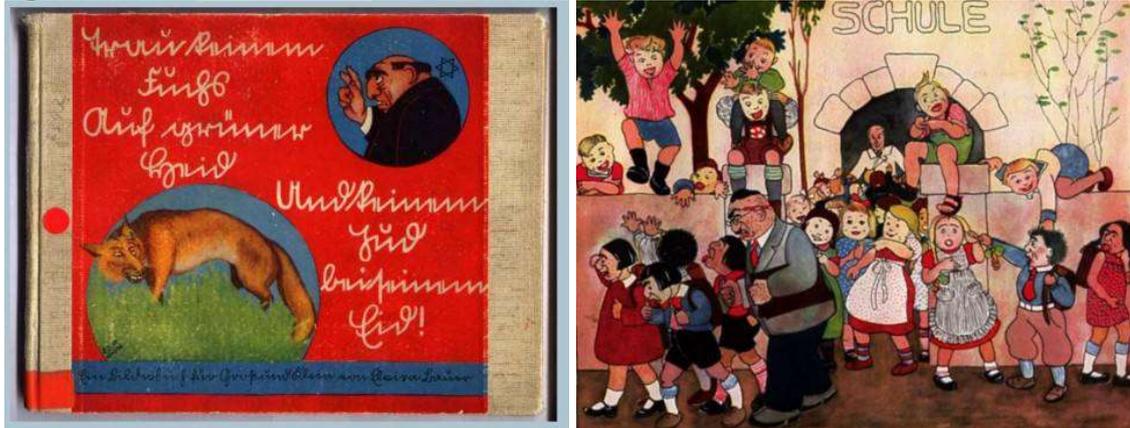
“I apologize to anyone who was offended.” (LAERTE COUTINHO, 2015b)

Azevedo considers the pronouncement “disgusting” criticizing the cartoonist's logic and the multiplication of texts in the column that associate manifestations within the law with a criminal act. And he relates the reductionism affirmed by Laerte to the same one practiced by Nazism in relation to the Jews (Figures 2 and 3).

Laerte and Reinaldo even exchanged ironic barbs after the cartoonist stated in a post on Facebook that he has Platonic Stockholm syndrome and that he would have a “disgraceful boner” in the then columnist for *Veja*. The controversy surrounding the cartoon was analyzed by *Folha's* ombudsman, Vera Guimarães Martins (2015). She raised the issue that in previous months the newspaper had received several complaints from readers pointing out an alleged imbalance in the cartoons on the *Opinião* page (A2), noting that they mostly tended to the “left”, which at the time was seen as pro-government. (Dilma Rousseff).

⁴⁸Reinaldo Azevedo, *Veja* and Jovem Pan are politicians, publishers and radio station who were ordered to pay compensation for moral damages against Laerte in December 2016.

Figure 2 and **Figure 3** – “Reductions” about Jews that were published by the German press during Nazism.



Source: Reinaldo Azevedo blog at Veja, August 24, 2015.

The ombudsman did not go into the merits of the ideological discussion, but decided to evaluate the cartoon for having provoked such a reaction, whose excerpt we highlight below:

[...] Not by chance, shortly after the publication of the cartoon, an apocryphal version began to circulate on social networks, with the "symbolic representations" exchanged. An inversion facilitated by shallow reading: if taking a selfie with the Military Police is supporting murders, those who defend Dilma and Lula are colluding with corruption. To disqualify the opponent, it is worth appealing to simplistic ideas and sophisms that box people of all kinds into the same one-dimensional form. The most balanced readership does not swallow this simplistic dichotomy, nor a diversity based on opposite poles. "The truth is that alternating opinions of radicals on both sides does not serve those who seek some common sense in the search for a more united and democratic society", wrote Ivan Casella.

Some of the readers rightly blame the newspaper, which finally authorized the publication.

The Editorial Board informs that it monitors texts and images to detect situations that may involve crimes against honor (slander, libel, and defamation). "In these cases, the author is sought out in advance to warn him of the possible consequences. The cartoon did not incur this risk, although it connoted a strong and highly debatable attack against a significant portion of the population and our readership. In its commitment to the balance and plurality, Folha has sought to convey the reactions, as attested by the editions of the Reader's Panel on Wednesday (19) and Thursday (20)." (MARTINS, 2015)

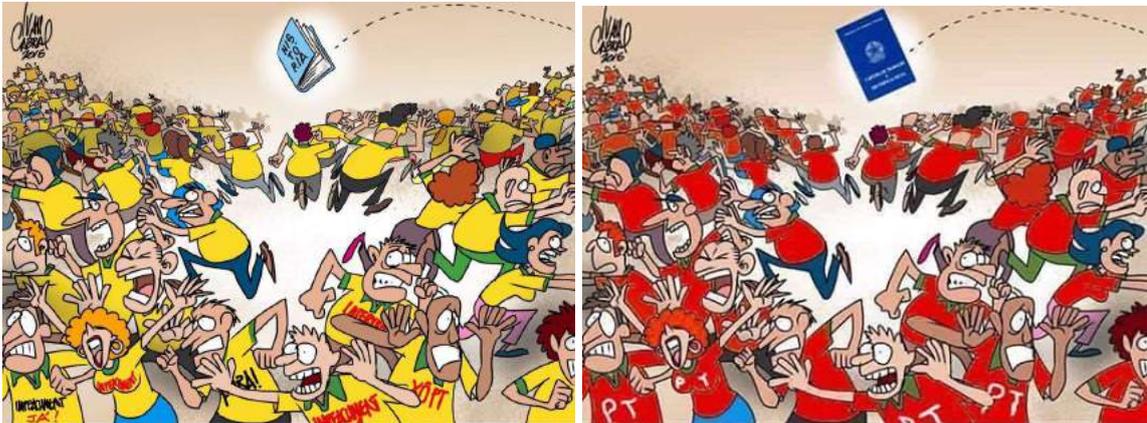
What interests us is to note that this debate was concentrated between Reinaldo Azevedo and Laerte Coutinho, with the opinion of readers reverberating in the traditional path of criticism via the newspaper's ombudsman. This is what we can call a conventional pattern of discussions and repercussions in the mainstream press, without relevant effects from external agents, such as engagement in social media.

ADULTERATION AND APPROPRIATION OF CARTOONS

During the period of impeachment demonstrations in 2015, the cartoonist Ivan Sobral had his cartoon entitled “How to end a protest of coxinhas”⁴⁹, published in the *Novo Jornal do Rio Grande do Norte* on March 13, 2016. In the drawing (Figure 4), a group of protesters flees in fright after throwing a history book at him. A few days later, on March 19 at 9:55 pm, an administrative assistant from Rio de Janeiro doctored the cartoon and shared it on Facebook. In the modified version, a group of leftist protesters, dressed in red, are dispersed after throwing a work card at them (Figure 5).

Figure 4 – Original cartoon by Ivan Sobral published in *Novo Jornal*.⁵⁰

Figure 5 – Adulterated cartoon shared on Facebook.



Source: Material disseminated on social networks.

It was enough for the new version to become even more popular than the original, in part due to shared personalities like journalist Rachel Sheherazade. According to Cabral, the internet is almost a world without law and many people have done this type of thing. Although it was a work of ironic humor, the author was threatened with death by a Twitter user. “It all seems like a big bravado, verbal temperance, made possible by this national tension. I think this episode serves as a sample of the violence committed by a growing number of people, against anyone who dares not defend impeachment”, pondered Cabral after the threats on March 21.

⁴⁹Coxinha, a dumpling made with breaded chicken, is a jocular and pejorative term that originates from São Paulo slang referring to people who are “well-groomed” and “pretty”. In recent years, it has gained the connotation of a person who boasts a higher standard of living and adopts conservative political stances. The term mortadella, a spicy and smoked beef sausage, is the counterpoint, given to supporters of progressive policies and personalities (political left). The popular origin has its origins in militants who ate bread and mortadella in demonstrations of social movements.

⁵⁰ In figure 4, supporters of the extreme right flee from a History textbook. In figure 5, labor supporters flee from the Brazilian work-portal document, which serves to register a citizen's regular jobs. Editor's note.

The “coxinhas” tension against “mortadelas”, respectively the demonstrator’s pro and against the impeachment of Dilma Rousseff, was potentiated when the traditional media took advantage of the labels to analyze the progress of the demonstrations. IstoÉ magazine even published the adulterated cartoon by Sobral in issue 2423 of May 18, 2015. Although the author of the adulteration has recanted, the effects of this adulteration provide a good example of how social tension is heightened with this type of sharing. of material.

There are several cases of adulteration or appropriation. One of the best known, and reflected in the press, was the comic strip Armandinho – created by Alexandre Beck – on a Facebook page entitled “Armandinho dying violently”. On the page, which quickly gained 6,000 followers in two days, parodies of the strip were published in which the protagonist boy always died after his final strip (Figure 6). According to the creator of the page, Tom Magalhães (at the time doing a master’s degree in law at the URFJ), the appropriation was more linked to the boy's irritating factor than to his messages.

Figure 6 – Adulterated version of Armandinho took advantage of cultural issues being discussed on social media⁵¹



Source: Material disseminated on social networks.

⁵¹ Armandinho's comics contain the following lines, freely translated. First vignette: "Hereditary" is what is transmitted from parents to children. Second vignette: Any examples? Armandinho? Third vignette: Male chauvinism! The following three vignettes are the adulterated version. Editor’s note.

Created during national tension, the page was used in the cultural war that was waged between progressive and conservative users of Facebook and other social media. In a post, Magalhães himself clarified that:

A lot of people [are] interpreting this page as if they were against Armandinho because he is “leftist” or “communist” or because he is in favor of human rights, feminism, or hell four and, therefore, as a page “right”. Interpretation is free, and the text when it falls into the net is a fish, [to] be interpreted the way it is interpreted. But I wanted to make it clear that our opinion is that this interpretation is stupid, because the fact that Armandinho is irritating has nothing to do with one or another political position being right or wrong. Is interpreting this here as another preaching, only from an opposing ideology, not a bit of an asshole? (MAGALHÃES in HQFAN, 2016).

Creator Alexandre Beck spoke to Magalhães by telephone, explaining that the parody had bothered him because it would express values opposite to those of the original, and would use the character to preach violence. Given the extrajudicial notification, Magalhães no longer felt comfortable managing the parody page. This, however, did not prevent fans of the appropriate version from creating their new pages and closed groups to produce and distribute their own parodies involving Armandinho, feeding back discussions involving progressive and conservative values.

Another case of appropriation occurs when characters from cartoons and comics are used as tools of political criticism with a comic bias. In Brazil, it was quite common to compare politicians like José Serra and former president Michel Temer with the character Mr. Burns from the series “The Simpsons”. The BBC network reported that the Chinese authorities pressed for restrictions on the circulation of images and animations of Winnie the Pooh (McDONNELL, 2017). The character would be used by young audiences on Chinese social media to ridicule President Xi Jinping. The best-known montages show the Chinese president walking with former US President Barack Obama (compared to Tigger), and the cold handshake between the Chinese leader and Japanese Prime Minister Shinzo Abe (compared to Yo).

The Chinese government's annoyance was confirmed when the live-action feature film "Christopher Robin" was banned from release under unofficial allegations of offending local political sensibilities, although the glut of foreign films applying for screening permits may also have been a factor. contributed to the decision (SIEGEL, 2018).

ATOMIZED AND POLARIZED DISCUSSION

During the cultural war and political tension, we have a case involving a Turma da Mônica comic book. The target of the controversy was basically a single panel of the story “Dentuca, Eu?”⁵² (Figure 7), published in issue nº 94 of the magazine Turma da Mônica Jovem, released in May 2016. The picture, taken out of context, was forwarded to an exponent Brazilian conservative personality with an influential voice in social media, Professor Olavo de Carvalho – also known as the guru of the Bolsonaro government. Without having had access to the full content and reverberating the criticisms of his followers involving gender culture, Carvalho made a harsh criticism accusing the publication of spreading an “abortionist discourse”:

Communists, like the good psychopaths that they are, know how to perfectly imitate the good feelings of normal people, to gain their trust and then, when they are off guard, inoculate them with poison, revolutionary hatred. Waiting for the right moment to turn the tables, they can wait ten, twenty, thirty years, whole generations. The “Betinho Campaign”, which began simulating charity until it became the obscene “Zero Hunger”, was a classic example. The transformation of the innocent Monica's Magazine into a hateful abortionist discourse is another”. (CARVALHO, 2016).

Figure 7 – Comic strip polarized followers on social media.



Source: Turma da Mônica Jovem nº 94.

⁵² In free translation: Teeth, me?

The criticism served as a trigger for patrolling and personal attacks against Mauricio de Sousa Produções and screenwriter Petra Leão (and later also against Olavo de Carvalho himself). Carvalho did not unfold the theme in several posts as he usually does on other occasions, but his criticism stirred up radical followers, including other more provocative personalities in the conservative field. According to the screenwriter, “I started getting rude messages on Twitter. Until then, I had no idea that anyone could attribute any other meaning to the comic, other than the original message: that in the body of a person (man or woman), only the person himself can command”. The story dealt not with abortion but with pressure from friends for Mônica to use a dental device. Mônica answers them no, using the expression “my body, my rules”.

Patrolling, in this case, was directed towards an alleged feminist agenda. The screenwriter herself states that several times the stories address themes considered feminist, as Mônica, as the protagonist, faces a reality that is part of every woman's experience, and that everyone deserves to have equal rights. Urged to comment, Mauricio de Sousa Produções stated:

In the magazine Turma da Mônica Jovem nº 94, Mônica's best friends are giving their opinion on whether she should wear a dental appliance, for aesthetic reasons. However... this is a decision that is solely and exclusively up to Mônica. And your class understands, accepts, and respects that. Because he likes her the way she is. For over 50 years, Mauricio de Sousa Produções comics have been made to amuse and entertain, but also to raise healthy discussions, always with great respect for everyone.

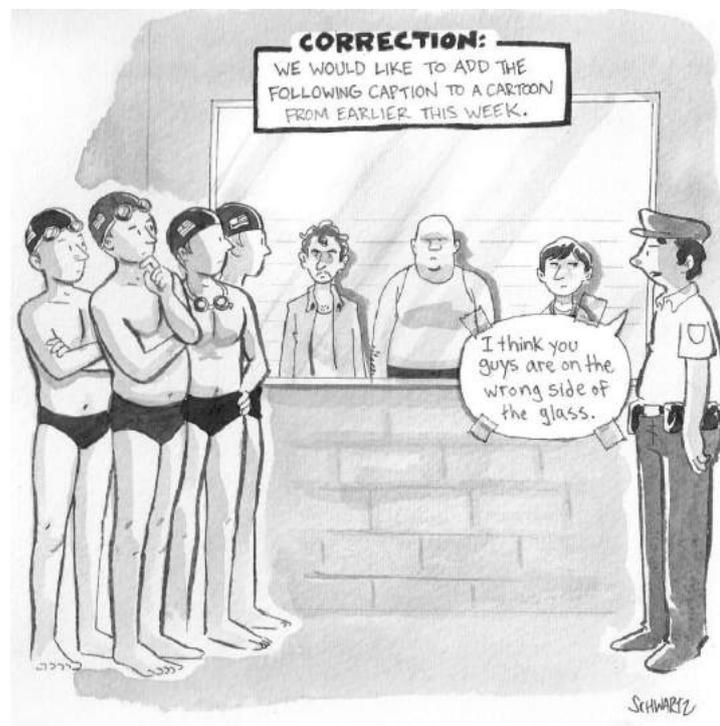
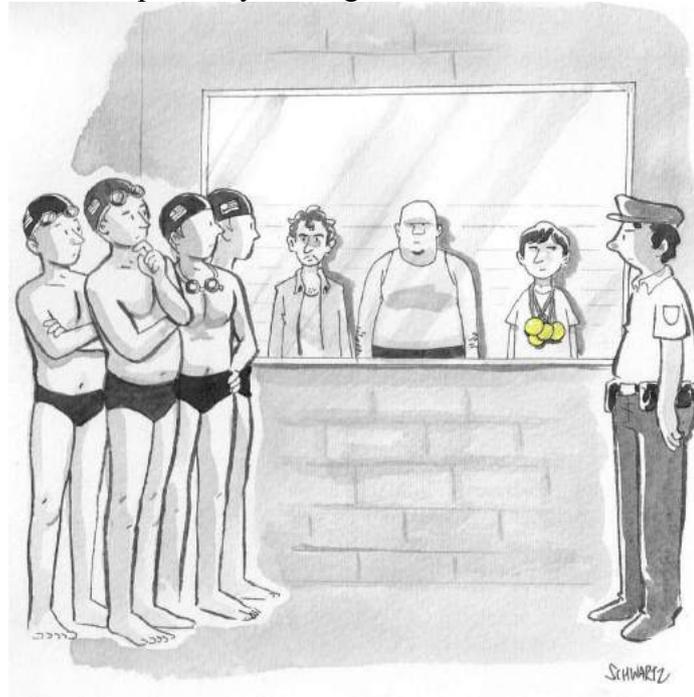
An interesting feature of this case is that there was no direct clash between Olavo de Carvalho, screenwriter Petra Leão and Mauricio de Sousa Produções. Although the last two have spoken out to clarify the issue, the debate on social media took place between their followers – progressive or conservative – throwing the comic book into the whirlwind of the virtual battle over agendas considered progressive (feminism, racial and gender equality etc.).

ENGAGEMENT PRESSES THE PRESS

The fourth case involves Olympic swimmer Ryan Lochte and a cartoon published in The New Yorker magazine. The Olympic Games in Rio de Janeiro began on August 5, 2016, and, it should be remembered, were the focus of very critical coverage by the international press – pointing to delays, budget overruns, accusations of corruption and problems in the works of the Olympic Village and facilities. sports. After a simple opening ceremony, but well received

and praised, the press changed its tone and started to show confidence in the organization of the Games.

Figure 8 and Figure 9 – Cartoons about the Ryan Lochte case in Rio published respectively on August 15 and 19, 2016.



Source: The New Yorker, 2016.

On August 14, Lochte and three teammates from the American swimming team went to have fun at a nightclub and, on their way back, were allegedly victims of an armed robbery. The case quickly gained international repercussions and resulted in an uprising of criticism against the choice of Rio de Janeiro to host the competition. Although the swimmer kept to the story, the press discovered that there were gaps in the narrative and the case quickly turned out to be a hoax involving depredation and discussion with security guards added to the difficulty of communication. The New Yorker magazine was one of the victims of the story, having published on August 15 a cartoon by Benjamin Schwartz (2016) showing the swimmers identifying the assailant wearing medals around their necks (Figure 8).

Although the initial reaction on social media was quite negative for Rio de Janeiro and the Games, the turnaround in the case showed the potential for pressure from its users. At first there were criticisms and the usual polarization, but the new information resulted in a virtual union of users who demanded on social media for the press to treat the case in a different way. The New Yorker was one of those pressured (JUDSON, 2016) and the result was the publication four days later of a new version of the cartoon (Figure 9) correcting the previous one, showing a guard saying, “I think you guys are on the wrong side of the glass” (THE NEW YORKER, 2016).

CONCLUSIONS

The purpose of this article was to study cases of debates involving engagement in social media. Having raised the four cases, it is worth returning to them briefly for systematization purposes. These are four different examples of debates and reactions. The first, a closed debate between Reinaldo Azevedo and Laerte, was basically restricted to the two with monitoring by their followers and comments by the newspaper's ombudsman. The second case showed us examples of adulteration and appropriation of cartoons by Facebook users, with the seriousness of the issue of disrespect for copyright. The third case involving Turma da Mônica Jovem can be summarized as an atomized discussion, with well-defined starting points and subsequent discussion being polarized into two large groups that defended and attacked according to their ideological bias. And the fourth case, involving the American swimmer, shows an example of debate when different poles come together on social media to demand a corrective position from the press.

Mainstream press stands out in passing on the elucidation of cases at adequate speed. In the fourth case, some vehicles made a self-criticism of their investigation processes based

excessively on declaratory journalism. From the point of view of social media, it should be noted that the four discussions involve issues involving minorities, movements and social manifestations or the relationship between rich and poor countries - which seems to us to reaffirm the content related to the so-called "cultural wars" polarized between the progressive and conservative fields in their various shades. In the end, we observe the dispute between consumer culture against the culture of authenticity – related to identity “niches”. This work will be deepened in the future, but we can conclude by quoting that “the cultures of authenticity and complaint are, in their surface movements, cultures of affirmation, active cultures, which would differentiate them from the culture of consumerism and narcissism. In fact, they can end up being versions of these by stimulating dependence on a prepared mold (COELHO, 2005, p, 179).

REFERENCES

- CARVALHO, Olavo. **Post sobre a Turma da Mônica Jovem**. Published on June 28, 2016. Available at: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/photos/a.275188992633182.1073741828.275181425967272/657883627697048/?type=3&permPage=1> . Accessed on: March 18, 2017.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da internet**. Zahar: Rio de Janeiro, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2013.
- COELHO, Teixeira. **Moderno pós-moderno: modos & versões**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2005.
- COUTINHO, Laerte. **Charge. Opinião**. Folha de S. Paulo, São Paulo. Published on August 18, 2015. Available at: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/229925-charge.shtml> . Accessed on: May 20, 2017.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JUDSON, Margaret. **This 'New Yorker' Corrects its Ryan Lochte Cartoon & Alters the Victim of the Crime**. Published August 19, 2016. Available at: <https://www.bustle.com/articles/179579-this-new-yorker-corrects-its-ryan-lochte-cartoon-alters-the-victim-of-the-crime> . Accessed on: March 15, 2017.
- HQFAN. **A breve vida da página “Armandinho morrendo violentamente”**. Available at: <http://www.hqfan.com.br/2015/06/a-breve-vida-da-pagina-armandinho.html>. Accessed on: June 14, 2017.
- HUGHES, Robert. **Cultura da Reclamação – o desgaste americano**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

HUGHES, Robert. LAERTEVISÃO. **Ombudsman in Folha de S. Paulo**: São Paulo, August 23, 2015. Available at: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsman/230505-laertevisao.shtml> . Accessed on: May 22, 2017.

MARTEL, Frédéric. **Smart – o que você não sabe sobre a internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MARTINS, Vera Magalhães. **A vida em preto e branco**. Folha de S. Paulo: São Paulo, August 23, 2015. Available at: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsman/230506-a-vida-em-preto-e-branco.shtml>. Accessed on: May 15, 2018.

McDONNELL, Stephen. **Why Chinese censors banned Winnie the Pooh**. BBC News. Published July 17, 2017. Available at: <https://www.bbc.com/news/blogs-china-blog-40627855>. Accessed March 11, 2019.

OPINIÃO DO LEITOR. Folha de S. Paulo: São Paulo, Published on August 19, 2015. Available at: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opinioao/229999-painel-do-leitor.shtml> . Accessed May 20, 2017.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. Editora Contexto: São Paulo, 2009.

RIESMAN, David. **A multidão solitária**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SANTOS, Roberto e ROSSETI, Regina. **Humor e Riso na Cultura Midiática**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SIEGEL, Tatiana. **Disney's 'Christopher Robin' Won't Get China Release Amid Pooh**. The Hollywood Reporter, Published August 3, 2018. Available at: <https://www.hollywoodreporter.com/heat-vision/christopher-robin-refused-china-release-winnie-pooh-crackdown-1131907>. Accessed on: December 10, 2018.

SCHWARTZ, Benjamin. Daily Cartoon: Monday, August 15 (original cartoon about the Ryan Lochte case). Published August 15, 2016. Available at: <https://www.newyorker.com/cartoons/daily-cartoon/monday-august-15th-swimmer-robbery?fbclid=IwAR1c6WEZrvPqqK0oa4zyUXUo9OJjbU8Ia7lzo6sghNY4Xf-KlltV19fsWe4> . Accessed on: August 20, 2017.

SCHWARTZ, Benjamin. **Daily Cartoon: Friday**, August 19 (revised cartoon of the Ryan Lochte case). Published August 19, 2016. Available at: <https://www.newyorker.com/cartoons/daily-cartoon/friday-august-19th-swimming-correction> . Accessed on: August 20, 2017.

SWINGEWOOD, Alan. **O mito da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Ed. Interciência, 1978.

THOMPSON, John B. **O Escândalo Político – Poder e visibilidade na era da mídia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

THE NEW YORKER. Charge atualizada do caso Ryan Lochte. Published August 19, 2016. Available at: <https://www.facebook.com/newyorker/photos/a.430906773868/10153953486318869/?type=3&theater> . Accessed on: November 17, 2018.

TURMA DA MÔNICA JOVEM. Nº 94 – Barueri: Ed. Panini, may 2016.